

Moyseis Marques  
passeia pelos sons  
do Brasil em álbum

PÁGINA 5



Streamingsfera  
se rende aos  
curta-metragens

PÁGINA 4



Sophia Helena,  
uma pintora mirim,  
expõe em Paris

PÁGINA 8



## 2º CADERNO

# Presidente... DIVA... Binoche

Prestes a voltar às telas brasileiras com 'O Sabor da Vida', atriz francesa vai assumir o comando da Academia Europeia de Cinema

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

**A** escolha da atriz Juliette Binoche para presidir a Academia Europeia de Cinema, uma entidade de preservação estética e política da produção do Velho Mundo, coincide com a finalização de sua nova dobradinha nas telas com Ralph Fiennes, seu parceiro de "O Paciente Inglês", pelo qual ele ganhou o Oscar de Melhor Coadjuvante, em 1997. Os dois estrelam "The Return", que se baseia em Homero. No Brasil, ela há de brilhar antes disso. "La Passion de Dodin Bouffant", que rendeu ao cineasta vietnamita Tran Anh Hung a láurea de Melhor Direção, vai devolver seu rosto e seu talento ao circuito nacional no dia 11 de abril. O filme chega aqui com o título de "O Sabor da Vida" e tem como base um romance de Marcel Rouff (que a Nova Fronteira vai editar aqui) sobre gastronomia, feminismo e parceria afetiva.

O ex-namorado da diva, Benoît Magimel interpreta o Dodin Bouffant do título, chef que promove banquetes saborosos.

Em cartaz na Apple TV com "The New Look", Juliette terá muito trabalho em seus afazeres na Academia. O papel honorário do cargo que ela passa a ocupar tem um forte poder simbólico e personifica o projeto europeu de alimentar uma postura industrial autoral autossustentável. Ingmar Bergman foi o primeiro presidente da instituição, tendo sido escolhido pelos 40 membros fundadores da Academia em 1989. Wim Wenders sucedeu-lhe em 1996 e exerceu o cargo até 2020, tendo sido seguido por Holland, a primeira mulher presidente da Academia.

"Fico comovida quando as pessoas se contagiam com meu modo de trabalhar, sobretudo depois do que a gente viveu na pandemia", disse Juliette ao Correio da Manhã em San Sebastián, na Espanha, onde o iniciou um projeto sobre etarismo chamado "Queen at Sea". "Acho que uma das coisas que mais me doeram na fase do coronavírus na Europa foi não poder estar livre para andar até o mar, ca-



Juliette Binoche

minhar numa praia. Isso é uma restrição que te cerceia da natureza. Foi da ecologia que eu mais me aproximei no período da covid-19 e aprendi a cuidar melhor deste planeta".

Seu próximo projeto será "Camino Real", no qual vai atuar sob a direção de Ethan Hawke, seu parceiro em "A Verdade", de Hirokazu Koreeda, que abriu o Fes-

tival de Veneza de 2019.

"Na vida a gente tem que aprender com os próprios erros, encontrar nosso próprio caminho e buscar onde temos serenidade", diz Juliette. "O cinema conseguiu me mostrar isso tudo", diz Juliette. "Eu sigo filmando para descobrir o que não sei, para ser surpreendida".

Divulgação SSIFF

## CORREIO CULTURAL



Divulgação

Jon Bon Jovi ainda se recupera de cirurgia

## Bon Jovi ainda não está seguro sobre voltar a sair em turnês

Jon Bon Jovi não sabe se conseguirá voltar a fazer turnês. Em entrevista à rádio Mix 104.1, de Boston (EUA), ele afirmou que ainda se recupera de uma cirurgia nas cordas vocais, realizada em 2022.

O artista anunciou que vai lançar o 16º álbum de sua carreira no próximo dia 7 de junho. O novo single, “Le-

gendary”, já está nas plataformas digitais.

“Não sei sobre uma turnê. É meu desejo, mas ainda estou me recuperando. Embora tenha conseguido aproveitar meu tempo e cantar uma música por dia enquanto gravei o disco, minha necessidade e desejo é poder cantar duas horas e meia numa noite”, contou.

### Onda de queixas

Começou confusa a pré-venda dos ingressos para os shows de Caetano Veloso e Maria Bethânia. Os fãs reclamam da demora na fila virtual do site que comercializa as entradas. A nova turnê está cercada por expectativa, desde que foi anunciada.

### Noites Cariocas

A TIM patrocina mais uma vez o Noites Cariocas. A nova edição do evento criado por Nelson Motta nos anos 1980 será realizada entre 5 e 27 de abril no Morro da Urca. Zeca Pagodinho, Fernanda Abreu e Seu Jorge são algumas das atrações confirmadas.

### Desejo

Céline Dion disse em suas redes que sonha retornar aos palcos. Diagnosticada com uma doença rara, a síndrome da pessoa rígida, a cantora diz que continua determinada “a voltar aos palcos um dia e levar uma vida o mais normal possível”.

### Lançamento

Radicada nos EUA, a poeta paraibana Marília Valengo vem ao Rio lançar nesta terça-feira (19) o livro “Toda Família Tem Uma”, às 19h, na Janela Livraria, no Jardim Botânico. A obra reúne poemas criados durante um tratamento para gravidez.



Divulgação

Até Que a Música Pare



Divulgação

Levante

# Enquanto isso em Bergamo, vitória(s) do Brasil

‘Levante’, de Lillah Halla, e ‘Até Que a Música Pare’, de Cristiane Oliveira, conquistam prêmios de Melhor Filme e Melhor Direção no festival italiano

Por **Rodrigo Fonseca**  
Especial para o Correio da Manhã

**C**oproduções com nações europeias, “Levante”, de Lillah Halla, e “Até que a Música Pare”, de Cristiane Oliveira, afirmaram a brasilidade e garantiram prêmios para o nosso país na disputa oficial do Bergamo Film Meeting, evento italiano que acaba de encerrar sua edição de número 42 propondo uma triagem das conexões audiovisuais do Velho Mundo.

Celebração do direito ao corpo, a partir do drama de uma jogadora de vôlei que engravida por deslize, o longa de Lillah ganhou a laurea de Melhor Filme. “Como o cinema tem espaços de poder, é importante mostrar que um objeto como esse filme tem força, na criação de espaços seguros”, disse Lillah ao Correio

da Manhã.

Egressa do Teatro e formada pela Escuela de San Antonio de Los Baños, em Cuba, Lillah assina a direção apoiada na força da atriz Ayomi Domenica Dias. Junto dela, e de um elenco em fina integração, ela constrói uma trama sobre os dilemas morais mais medievais do país, dissecados a partir do processo de uma jovem atleta que engravida sem desejar e opta por abortar. Mas vai enfrentar resistências por isso.

Já Cristiane conquistou o prêmio de Melhor Direção. Sua narrativa segue o casal Alfredo (Hugo Lorenzatti) e Chiara (Cibele Tedesco), que, após o filho sair de casa para morar sozinho, começam a viajar juntos.

O júri era composto por Vaida Kazlauskaitė, Paola Rayman e Michelangelo Frammartino, que distinguiram com menções honrosas “Some Birds” e “The Wall”. Eram

sete títulos na competição principal.

Em conversa com o Correio da Manhã, antes da abertura do festival, a curadora Annamaria Materazzini, reafirmou o foco do evento para além da cinematografia italiana. “O Bergamo Film Meeting sempre teve uma perspectiva internacional, quer seja na apresentação de novos cineastas autorais ou em retrospectivas. Esse perfil se impôs sobretudo nos seus primórdios, quando muitas cinematografias tinham dificuldade em encontrar visibilidade na Itália, em comparação com o cinema nacional e americano”.

“Atualmente, a situação é mais equilibrada e é muito mais fácil ver filmes de todo o mundo nas salas de cinema. Não temos a pretensão de ter influenciado as tendências do cinema italiano, nem podemos dizer que nos concentramos mais no cinema do nosso país. No entanto, sempre demos espaço a novos autores, tanto italianos como de outros países. Isto permitiu, por vezes, que fizéssemos descobertas e dar voz a autores menos comerciais ou dar visibilidade a novas formas de linguagem cinematográfica”, completa.

O evento prestou homenagens a realizadores como a dinamarquesa Frederikke Aspöck, o sueco Lukas Moodysson e o esloveno Metod Pevec. Em outras latitudes, sua equipe curatorial levou a suas plateias uma coletânea de animações portuguesas incluindo “Ice Merchants”, de João Gonzalez; “A Sonolenta” e “Sopa Fria”, de Marta Monteiro; “Agouro” e “Fulgim”, da dupla Vasco Sá e David Doutel; “Elo”, de Alexandra Ramires; e “O Homem do Lixo”, “Água Mole” e “Três Semanas Em Dezembro”, todos de Laura Gonçalves.

# Streamings em pílulas

Divulgação



Le Pupille

A Incrível História de Henry Sugar



Divulgação

Divulgação



O Pastor

Presença e audiência do oscarizado 'A Incrível História de Henry Sugar', de Wes Anderson, na Netflix aponta que o curta-metragem virou a maior diversão das plataformas digitais

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

**E**mbara tenha concorrido ao Oscar muitas vezes, com longas-metragens aclamados como "O Grande Hotel Budapeste" (2014), o texano Wes Anderson só levou a estatueta hollywoodiana para casa graças a um curta-metragem, "A Incrível História de Henry Sugar", hoje em cartaz na Netflix.

Benedict Cumberbatch (o Doutor Estranho da Marvel) é um ricoço que adquire dons sobrenaturais. Ben Kingsley, Ralph Fiennes e Dev Patel integram o elenco estelar dessa produção de 40 minutos.

Há outros curtas de Wes (como "Veneno", "O Cisne" e "O Caçador de Ratos") no [www.netflix.com](https://www.netflix.com), onde é possível conferir um dos mais dolorosos concorrentes de Henry Sugar na disputa pela láurea dourada da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood: "O Depois" ("The After").

A recente busca a esse drama sobre o luto - dirigido pelo fotógrafo e ativista nigeriano Misan Harriman e estrelado pelo inglês David Oyelowo - é a prova de que há a streamiguesfera anda caindo de amores pelo cinema em pílulas. Curtas vão de 1' a 59' hoje em dia. No passado, se um filme passasse de 25'



Eletrodoméstica

Divulgação

Divulgação



Vinil Verde

e fosse inferior a 1h01'01", o rótulo dele seria média-metragem. Mas os tempos são outros. O audiovisual também.

Curtas premiados são a predileção dos streamings, como comprova a decisão da

assinantes da plataforma de Mickey Mouse à frente de "O Pastor", filme de Natal no qual vive um avião misterioso, capaz de conduzir pilotos em perigo, como se fosse a própria Estrela de Belém. Garimpendo os terrenos de Mickey, chega-se a uma joia italiana: "Le Pupille", de Alice Rohwacher, indicado ao Oscar em 2023. Fotografado por Hélène Louvart, o filme condensa em 37 minutos as picardias de um grupo de garotas rebeldes de um internato católico, num momento histórico de escassez e de guerra.

Sempre atenta a filme com até 50 minutos, a MUBI vai se debruçar, a partir do dia 22, sobre o mundo onírico da animadora e pintora norte-americana Suzan Pitt (1943-2019) por meio de uma retrospectiva de sua obra. Figura emblemática do cinema underground experimental, Pitt deixou sua marca de picardia na década de 1970, por meio de impressionantes curtas animados feitos à mão, mergulhando a audiência em seu universo surrealista, de timbres psicodélicos. É o caso de "Asparagus" (1979) e "Crocus" (1971).

Sintonizado com a filmografia de um dos mais renomados cineastas brasileiros da atualidade, o [www.mubi.com](https://www.mubi.com) promove atualmente em sua grade uma espécie de retrospectiva dos curtas do pernambucano Kleber Mendonça Filho. Estão lá "Vinil Verde" (2004), "Eletrodoméstica" (2005); "Noite de Sexta Manhã de Sábado" (2007); e "Recife Frio" (2009), todos premiados no Brasil e no exterior.

Que catar Kleber por lá pela MUBI vai se deparar com um curta de Sofia Coppola, diretora de "Encontros e Desencontros" (2003) pouco conhecido por aqui: "Lick The Star". Nele, a jovem Kate (Christina Turley) está ausente do colégio há uma semana devido a um pé quebrado. Ao retornar, ela descobre que seu grupo de amigas elaborou um plano secreto com arsênico, de codinome "Lamba a estrela", para enfraquecer os garotos.

Para quem saboreia o formato com interesse e curiosidade sempre é válido dar audiência ao site <https://curtaocurta.com.br/> e ao <https://www.portacurtas.com.br/>, onde se destacam "Nada", de Gabriel Martins, e "Baile", de Cíntia Domit Bittar.

Paramount + de exibir o ganhador do Oscar de curta documental de 2024: "O ABC da Proibição de Livros" ("The ABCs of Book Banning"), dirigido por Sheila Nevins, Trish Adlesic e Nazenet Habtezghi. Nele, somos apresentados à centenária Grace Lin, que participa na reunião do Conselho Escolar do Condado de Martin, na Florida. Ela recorda ao Conselho Escolar que seu marido morreu na Segunda Guerra Mundial numa luta pela democracia, questionando a queima de romances, contos e coletâneas de poemas por nazistas. Ela passa em revista censuras proibitivas à literatura.

Na Disney +, John Travolta comove os

# Uma artista cara a cara com **Dona Morte**

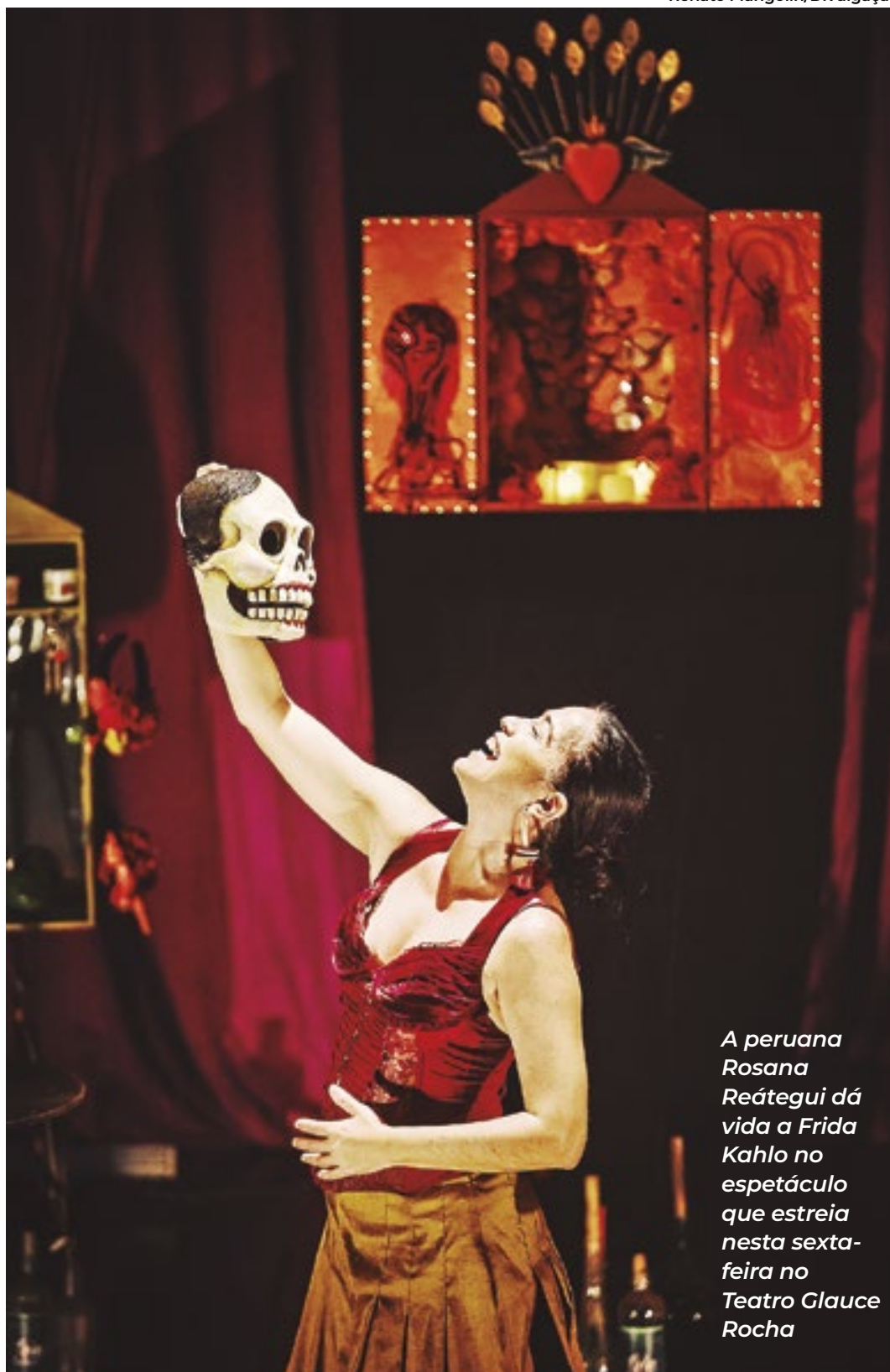
Renato Mangolin/Divulgação

Musical  
'Temperos de Frida' retrata a trajetória da icônica pintora mexicana e sua relação peculiar com a entidade folclórica do Dia dos Mortos

**C**omemorando o mês das mulheres, a vida e a obra da pintora mexicana Frida Kahlo (1907-1954) – uma lutadora incansável das causas feministas e pelo empoderamento feminino – serão retratadas no palco no espetáculo “Temperos de Frida”. O musical estreia em curta temporada, a partir desta sexta-feira (22) no Teatro Glauce Rocha.

Junto ao contexto histórico em que a artista cresceu, em meio à Revolução Mexicana de 1910, o espetáculo traz a efervescência cultural que inspirou Frida reunindo diferentes linguagens como teatro, narração de histórias e música.

Com uma proposta cênica intimista, o espetáculo tem como pano de fundo o Dia dos Mortos, uma tradição mexicana celebrada no dia 2 de novembro. A protagonista que encarna Frida no palco é Rosana Reátegui, nascida no Peru, é premiada como Melhor Atriz pelo Prêmio de Teatro Para Infância CBTIJ/2022. A artista também é responsável pela concepção e dramaturgia do musical.



*A peruana Rosana Reátegui dá vida a Frida Kahlo no espetáculo que estreia nesta sexta-feira no Teatro Glauce Rocha*

“Temperos de Frida” foi inspirado na cerimônia para agradecer o destino dos seres humanos vivos e cumprir os tratos com a misteriosa Catrina, conhecida como a Dona Morte, numa proposta em que a personagem de Frida trava diálogo direto com a plateia, regada por músicas entoadas ao vivo.

A narrativa da protagonista conduz o público a histórias mescladas com canções mexicanas conhecidas como “La Llorona”, “La Bruja” e “Cucurrucucu Paloma”, entre outras, todas entoadas pela uruguaia Natalia Sarante (vencedora na categoria Melhor Música do Prêmio de Teatro Para Infância CBTIJ/2022 com o espetáculo “Canções para afastar o medo - contos e acalantos latino-americanos”) acompanhada pelo violão de Luciano Camara.

Em “Temperos de Frida”, as paixões estão reunidas nos sabores, no canto e na palavra, como elementos de uma potente bruxaria compartilhada com o público. Seja nos boleros que Frida tanto gostava de cantar, nas histórias de grandes e arrebatadores amores ou na entrega profunda para defender sua vida, ela é aquela que viveu significativa e intensamente.

“Contamos a vida de Frida e seus encontros com Catrina como se fizéssemos, também a nós, uma provocação: por onde andam os nossos desejos e as nossas intensidades? A Festa dos Mortos, Frida e Catrina estão no nosso bar Viva la Vida, pois, além de tudo, são fortes motivos para a construção de espaços de comunhão e de encontro com uma América Latina amorosa, potente e festiva que insiste e resiste em todas e todos nós”, destaca a diretora Tatiana Motta Lima.

Uma curiosidade acerca da montagem é que a máscara de Catrina, a Dona Morte, utilizada pela personagem principal, foi confeccionada no Peru pelo artista Paul Colínó Vargas especialmente para o espetáculo.

## SERVIÇO

TEMPEROS DE FRIDA  
Teatro Glauce Rocha (Av. Rio Branco, 179 - Centro)  
Até 31/3, de sexta a domingo (19h) | Ingressos: R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

# Alimentado de brasilidade

Em 'Na Matriz',  
Moyses Marques  
celebra 25  
anos de uma  
trajetória  
ecclética com  
sambas,  
baiões,  
xotes e ijexás

Um dos nomes mais representativos da geração por trás do renascimento cultural da Lapa, Moyses Marques chega aos 25 anos de carreira musical. Para celebrar a data, o cantor e compositor acaba de lançar o álbum "Na Matriz", que apresenta sua produção mais recente com o DNA eclético que marca a trajetória do músico.

"Estamos em um país diverso, muito rico, e o álbum contempla essa diversidade rítmica brasileira. Tem samba, forró, baião, ijexá - é repleto de Brasil", conta Moyses. O álbum ainda traz a participação dos convidados Mônica Salmaso, Fabiana Cozza, Mosquito, Maria Menezes e o grupo vocal Ordinarius.

"A música de Moyses, ao longo desse tempo todo, é bordada por um sentido de Brasil que vive na síncope, no dribble, na dobra do tambor, na oração dosromeiros, na dança suave de Oxum, no corte da faca de Ogum, na suavidade de sons bonitos e no baticum das matas e cidades", resume o escritor e professor Luiz Antônio Simas no texto de apresentação do trabalho.

Forjado nos forrós e rodas de



Isabela Espindola/Divulgação

Moyses viaja por vários ritmos em 'Na Matriz'

samba da Lapa dos anos 2000, macumbeiro encruzilhado pelos terreiros de umbanda e maravilhado pelas luzes da igreja de

Nossa Senhora da Penha, Moyses traçou, ao longo desses anos, os caminhos do saltimbanco rigoroso que hoje é reconhecido

como um dos grandes cantores da música do Brasil, além de ser um compositor e instrumentista de mão cheia.

Alimentado de brasilidade, Moyses circula com desenvoltura nos arrasta-pés e no samba riscado dos subúrbios cariocas. Sabe que tudo que é ancestral, Moyses reverencia o passado que faz de ingrediente para, com sua música, atravessar o presente e zarpar rumo ao futuro.

Tanto que nas 13 faixas de "Na Matriz", Moyses traz ao público canções compostas em parceria com os autores mais velhos como Nei Lopes, Moacyr Luz e Cristóvão Bastos. Chama também pra roda o jornalista Luiz Pimentel (ex-colaborador do Correio), a poetisa paraibana Socorro Lira e Luiz Antônio Simas. E reserva parcerias para companheiros de geração como João Martins, Max Maranhão, Elisa Queirós, Khrystal, Zé Paulo Becker e Rudá Brauns.

Com arranjos de Rafael Mallmith e um tarimbado time de músicos - João Bittencourt (piano e sanfona), Rafael Mallmith (violão de 7), cahaça (guitarra), Alessandro Cardozo (cavaquinho), Julio Florindo (contrabaixo), Rudá Brauns (bandolim), Dudu Oliveira (sax tenor e trompete), Antônio Neves (flugelhorn), Ana Paula Cruz (flauta), Gabriel Guenther (bateria), Andre Vercelino (tamborim, pandeiro, agogô, triângulo e moringa), Rodrigo Reis (pandeirol, surdo e tantan), Daniel Karin (zambumba) e Paulino Dias (triângulo, ganzá, agogô, pandeiro e congas), entre outros.

As treze faixas que compõem o disco condensam, de certa forma, o universo sonoro de um artista amadurecido e permanentemente renovado, entre baiões, sambas de diversos gêneros, pitadas de jazz, xotes, capoeiras e ijexás. "A luminosidade do canto brasileiro de Moyses - banhado e maturado nas águas africanas que desaguarão nos subúrbios cariocas - assombra o ouvinte e reverencia o tempo espiralado de Exu", reforça o parceiro Luiz Antônio Simas.

Vencedora de maior prêmio literário da França desafia rótulos feministas em livro

Por Úrsula Passos (Folhapress)

**U**m podcast feminista francês comenta o livro “A Vingança É Minha” logo após sua publicação. Sobre o casal da trama: é o retrato da dominação masculina e de uma relação tóxica. Sobre a protagonista, advogada que vai representar na Justiça o tal casal mas que passa por um momento psicologicamente difícil: é vítima de manipulação mental da parte de todos à sua volta.

Para aqueles que buscam uma chave de interpretação para o novo romance de Marie Ndiaye, lançado no mês passado no Brasil pela Todavia, porém, a autora não aconselha seguir por essa trilha.

“O que eu amo na ficção é a ambiguidade. Me incomoda reduzir minhas personagens à figura de pessoas sob dominação. Não é assim tão simples”, diz Ndiaye quando a reportagem menciona a leitura feita pelas apresentadoras do podcast “Quoi de Meuf” - trocadilho com a expressão “o que há de novo” e uma gíria para a palavra “mulher” -, Clémentine Gallot e Emeline Ametis. “Não tenho vontade de tratar romances como manifestos”, completa.

Um baita chega para lá nas críticas literárias de redes sociais, que insistem em livros “necessários” e “potentes” e nas quais abundam formulações como “revelar afetos” e “ressignificar as narrativas”.

“A Vingança É Minha” é mesmo um livro que coloca o leitor e a leitora diante de uma confusão para a qual se busca uma saída e, sobretudo, uma resposta. Lançado na França em 2021, o romance conta a história da Dra. Susane, uma advogada de Bordeaux, no sudoeste francês, na casa dos 40 anos. Ela é procurada por Gilles Principaux, marido de uma mulher que acaba de matar os três filhos do casal. Mas a protagonista tem a impressão de conhecer o homem de um passado distante, de quando era criança.

Da personagem-título não sabemos o nome, apenas o sobrenome, que vem sempre seguido do título que a sua profissão lhe dá. Para Ndiaye, no momento em que o livro começa, Dra. Susane vive apenas para o trabalho. “Seu título a define, ela é só uma advogada, e não deseja ter outra identidade”, diz.

# ‘O que eu amo na ficção é a ambiguidade’

Fotos/Divulgação



*A Vingança é Minha, de Marie Ndiaye, escritora francesa*

A “astúcia”, segundo a autora, é ter escolhido um sobrenome, Susane, que é também um nome. “Quando vamos lendo, podemos nos identificar com ela, e acabamos mesmo sentindo como se fosse um nome.”

Essa pergunta - será esse homem o garoto que conheceu há 30 anos ou não? - cresce no interior da protagonista até tomar todo o espaço de sua vida. O leitor que a acompanha, pois a narrativa avança nos pensamentos da advogada, vê-se então embrenhado com ela na dúvida ao mesmo tempo em que tenta entender o caso de infanticídio.

Para Ndiaye, que se dedicou muito e longamente a estudar casos de mães que matam

seus filhos, sempre resta um mistério, um enigma incompreensível das razões que movem esses crimes.

Os dois monólogos do livro, um para cada um dos esposos Principaux, não facilitam a tarefa. Único respiro na narrativa feita pela Dra. Susane, os monólogos são, nas palavras de Ndiaye, uma “justaposição dos pontos de vista” que vem mostrar essa ambiguidade do romance. Ali, com vozes e cacoetes de fala bastante singulares, marido e mulher tentam explicar à advogada a morte dos filhos pequenos.

A escritora conta que criou o livro ao mesmo tempo que escrevia o roteiro de

“Saint Omer” ao lado da cineasta Alice Diop. O filme de tribunal reconstrói numa ficção o julgamento de um caso real, ocorrido numa praia do norte da França em 2013, no qual uma jovem matou sua filha de 15 meses. “Um não existiria sem o outro”, diz Ndiaye.

Ela começou a escrever ainda criança, e publicou seu primeiro romance aos 19 anos, em 1985. Desde então, não parou. Já lançou mais de 30 livros, entre romances, peças teatrais e obras infantojuvenis, e é uma celebridade literária em seu país. Além disso, seu irmão, Pap, historiador e professor universitário, foi ministro da Educação recentemente, por cerca de um ano, entre 2022 e 2023.

Mas fazia um tempo que não chegava às prateleiras brasileiras um livro da francesa que, filha de pai senegalês, em 2009 ganhou o Prêmio Goncourt, o mais importante da francofonia, com “Três Mulheres Fortes”.

A láurea abriu as portas para a publicação deste e outros dois títulos de sua autoria no Brasil, “Coração Apertado” e o infantil “A Diaba e Sua Filha”, todos pela Cosac Naify. Em São Paulo, a última notícia que houve dela foi a montagem da peça “Hilda”, em 2018, com texto de 1999.

A peça tem uma semelhança com seu livro mais recente, a relação entre patroa e empregada doméstica. Dra. Susane emprega em seu pequeno apartamento, quase que a contragosto, a mauricana Sharon, que vive irregularmente na França. Ao mesmo tempo em que acredita estar fazendo uma boa ação, a advogada, cuja mãe também era empregada doméstica, não se sente à vontade com a situação.

“É uma questão de poder e de subordinação, entre mulheres, no ambiente doméstico. O poder sobre alguém que deve fazer aquilo que você poderia muito bem fazer”, diz Ndiaye. “Como em ‘Hilda’, a questão que me preocupa é: que direito temos de ser servidos por outra pessoa? De mandar uma outra mulher limpar nossa casa?” Outra pergunta para a qual o leitor terá de buscar ele mesmo a resposta.

CRÍTICA / LIVRO / COELHO MALDITO

# O pior fim possível que uma autora pode conceber

Por Susana Terão (Folhapress)

**O**s excrementos de uma mulher formam uma cabeça que passa a assombrá-la, perseguindo-a em vasos sanitários. A figura monstruosa cresce e, quando se torna uma versão jovem da personagem, condena-a a tomar seu lugar dentro dos encantamentos.

Um abajur em formato de coelho leva toda uma família à ruína. Quando o neto de um empresário toca na luminária, passa a ter alucinações com o animal, que rói seu cérebro.

Um prédio abandonado, vendido a preço de banana, atormenta seus inquilinos, um dos quais acaba esquarterado em uma panela de sopa.

As histórias estão em “Coelho Maldito”, primeira obra da sul-coreana Bora Chung publicada no Brasil. Em dez contos perturbadores, a coletânea expõe até que nível a crueldade pode chegar e o caráter destrutivo da ganância humana.

“Queria que todas as coisas horríveis e injustas do mundo não acontecessem e que pessoas inocentes não tivessem que sofrer. Não posso mudar a realidade mas, pelo menos nas minhas histórias, posso matar as pessoas más e me divertir durante o processo”, diz a escritora.

Chung ainda usa essas narrativas para questionar a estabilidade de instituições como a família e o casamento, enfatizando como elas privilegiam os homens em detri-



Divulgação

mento das mulheres.

Um exemplo é “Menorreia”, que acompanha uma jovem que começa a fazer uso de anticoncepcionais para regular o fluxo menstrual. Depois de alguns meses tomando pílula, ela recebe o diagnóstico de que está grávida mesmo sem ter tido relações sexuais e precisa arranjar um marido que aceite ser pai da suposta criança.

O enredo foi inspirado em uma experiência da própria Chung. Aos 28 anos, ela começou a ter sangramentos anormais por causa de um cisto no ovário. Quando marcou uma consulta com um ginecologista, sua mãe quis impedi-la de ir por ela não ter

**Boa Chung posa com a edição em língua inglesa de ‘Coelho Maldito’, sua primeira obra a chegar ao Brasil**

um marido.

“Eu era legalmente, fisicamente e mentalmente uma adulta, mas meus ovários claramente pertenciam a um cara que eu nunca nem conheci”, afirma. “Partiu meu coração saber que muitas leitoras de diferentes países se identificaram com a história e me disseram que tinham tido experiências semelhantes.”

Publicado na Coreia do Sul em 2017, “Coelho Maldito” foi lançado nos Estados Unidos em

2022 e foi finalista do International Booker Prize naquele mesmo ano. A autora diz que a coletânea traz trabalhos que escreveu em diferentes fases da vida, entre 1998 e 2016.

Os contos mesclam gêneros literários como terror, contos de fadas, fábulas e ficção científica, mas ela afirma que o folclore é o seu favorito. “Cresci ouvindo mitologia coreana de 1.500 a 2.000 anos atrás. Essas histórias se passam em regiões que conheço da Coreia, e seus personagens são coreanos, mas que naquela época aparentemente viviam com dragões, tigres e todo o tipo de divindade”, afirma. “Adoro a sensação de que

magia e mitos vivem e respiram ao meu redor.”

Irônica, ela ressalta, porém, que não existe uma praga idêntica à do conto que dá nome à coletânea no folclore de seu país. “Pensei que alguém podia tentar reproduzir, então inventei tudo que está no conto. Você pode personalizar um abajur para que ele tenha a forma de um coelho e tentar fazer o que quiser, mas nada vai acontecer”, diz.

Sua produção remete a uma onda recente de literatura de horror feminista, que tem a americana Carmen Maria Machado, autora de “O Corpo Dela e Outras Farsas”, como uma de suas principais representantes. Mas Chung pontua que sua escrita nasceu apenas da sua experiência como uma mulher que mora na Ásia hoje.

“Como ninguém me disse o que não escrever, escrevia para mim mesma, sobre as coisas que sabia, e isso acabou sendo um terror feminista. É triste”, afirma. “Silenciar a voz feminina é uma característica universal do patriarcado, e todos nós conhecemos os horrores que acontecem sob esse manto de silêncio forçado.”

Independentemente de seu gênero, porém, todos os protagonistas dos contos se deparam com algum tipo de maldição que os condena à ruína. Eles sempre parecem carregar certa resignação com esses cenários. Não há finais felizes, mas a escrita de Chung, como pontuou uma crítica da New Yorker, traz lirismo ao horror.

Chung diz que sua obra não busca trazer soluções, e sim criticar o estado da humanidade. Uma angústia que, segundo ela, é partilhada por outros que vivem na mesma região do mundo que ela.

“A sociedade em que vivo é altamente competitiva e avança em uma velocidade esmagadora. É quase como se o país inteiro tivesse uma certa paranoia ou medo profundo de que se não competirmos ou nos mexermos, se relaxarmos e cuidarmos uns dos outros por um segundo, tudo vai desmoronar e a Coreia do Norte nos invadirá.”



O quadro 'As Bailarinas', pintado pela artista mirim Sophia Helena



'A Casa de Friburgo', tela inspirada na casa da família na região serrana

Sophia Helena, artista mirim de 10 anos, vai mostrar suas telas em Paris

# De Madureira ao Louvre

Por Aléxia Souza (Folhapress)

**“M**e sinto alegre e livre quando estou pintando e é o que eu quero que as pessoas sintam com as minhas pinturas”, diz a estudante Sophia Helena Moreira de Oliveira, de 10 anos, que chamou a atenção internacionalmente com suas telas que vão da arte figurativa, com paisagens e animais, à abstrata.

A artista mirim, que vive em Madureira, venceu um concurso internacional para levar duas obras inéditas para o Salão Internacional de Arte Contemporânea no Carrousel du Louvre, um centro comercial localizado no subterrâneo do Museu do Louvre, em Paris.

Sua arte será exposta em outubro, numa galeria que apresenta talentos de várias partes do mundo. “Eu não sabia que tinha capacidade de produzir algo que pudesse participar disso. É algo grandioso, um privilégio”, diz a

menina.

A chance de expor em Paris surgiu quando a mãe da estudante, a funcionária pública Daniele Moreira, viu no Instagram o anúncio do concurso, que seria realizado por uma empresa de assessoria artística, a Vivemos Arte, que participa do evento francês. Daniele enviou o portfólio da filha, e a menina fez uma entrevista por videoconferência com a diretora da empresa, Lisandra Miguel.

“Ela compartilhou ideias sobre o desenvolvimento de sua arte e um pouco sobre seus interesses infantis. Após uma análise abrangente, concedi aprovação para a participação de Sophia na Fira de Barcelona, na Espanha, e no prestigiado evento do Carrousel du Louvre, na França, além da sua inclusão no livro ‘Vivemos Arte — 4ª Edição’, a ser lançado em Paris”, diz a diretora.

A menina é aluna do Colégio Adventista de Jacarepaguá. Foi lá que uma professora notou o seu dom artístico, ainda aos 6 anos.



André Luiz/Folhapress

**Sophia Helena de Oliveira vai mostrar seu trabalho no Carrousel du Louvre, uma galeria comercial localizada no subterrâneo do tradicional museu francês**

“Confesso que não levei a sério, porque não podia imaginar nem como começar a ajudar a minha filha. A primeira dificuldade já foi para conseguir um curso para ela, que fosse acessível para nós, mas as coisas foram acontecenas-

do”, conta a mãe.

“Por muitas vezes, pensei em desistir, porque é um ramo muito difícil principalmente para nós, moradores do subúrbio do Rio e sem acesso ao mundo da arte. Tive que aprender tudo, de

repente, e ainda estou aprendendo, para tentar ajudar.”

O incentivo parte de toda a família. A mãe conta que o irmão mais novo, Daniel, de 7 anos, se intitula como o maior fã da jovem pintora. Já o pai, Márcio Domingos de Oliveira, foi quem pegou na mão da filha para ensinar os primeiros traços. “Eu e meus irmãos sempre gostamos de desenhar, e eu comecei a ajudar a Sophia nos seus primeiros desenhos quando ela era bem novinha. Desde cedo era possível ver que, apesar de amador, ela já tinha algo diferenciado. Agora, fico nos bastidores, dando o suporte que ela precisa para seguir esse caminho.”

A jovem artista diz gostar de pintar paisagens, animais e traços abstratos. Ela conta que a imagem de seu primeiro quadro foi inspirada no terreno da família em Nova Friburgo, na região serrana. A casa, no entanto, saiu do imaginário da menina para a tela.

Ela, que reúne um acervo de cerca de 20 telas, agora dedica seu tempo à produção de mais obras. Duas pinturas inéditas serão escolhidas para levar na bagagem rumo à capital francesa. Para tentar viabilizar a ida da jovem artista e de sua mãe a Paris, a família busca patrocínio e abriram uma vaquinha. Ela também já vendeu três telas por meio de seu Instagram.